

Um lenço, um folheto e a roupa do corpo

*A estória do Jornalista Católico Apostólico
Romano praticante que ficou 40 dias e 40 noites
perambulando pelas ruas de São Paulo, em busca de
solução para um caso de relacionamento humano,
complicado de se entender*

Cláudio Amaral

*Nota do autor: tudo o que está escrito aqui é ficção; é fruto da minha imaginação;
portanto, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.*

Copyright© Cláudio Amaral

Todos os direitos reservados em nome do autor:

Cláudio Lázaro Alves do Amaral

RG 4.484.260 - CPF 385.602.088-87

Rua Gregório Serrão, 51 - CEP 04106-040

Aclimação - São Paulo - Brasil

Revisão: Gabriel Emidio

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa: Francisco Ferrari Filho

Foto da capa: Guilherme B. Ferrari

Foto do autor na contra capa: Marcello Vitorino

Sumário

7 - Capítulo 1

Jovem faz denúncia contra pai no 406° DP, na Aclimação: “ele disse que vai passar com o carro por cima de mim”.

12 - Capítulo 2

Delegado titular está curioso em relação ao livro de De Luca: “o que virá a público em Vingança no Jardim da Aclimação?”

20 - Capítulo 3

“Secretário da Polícia Civil é malcriado e truculento”, acusa titular de distrito policial da Zona Sul de São Paulo

27 - Capítulo 4

Substituto do chefe dos investigadores do 406° Distrito Policial é acusado de “dar nó em pingo d’água”

33 - Capítulo 5

Escândalo sexual abala as estruturas da Casa Caetano de Campos, no Centro de São Paulo

43 - Capítulo 6

Amante declara a delegado titular que a noite é só dele, de mais ninguém, e que o espera em apartamento da Aclimação

53 - Capítulo 7

Delegado interrompe expediente de trabalho, deixa acusado, acusador, familiares e funcionários esperando para declarar amor eterno à amante

59 - Capítulo 8

Acusado perde a cabeça na delegacia do bairro e revive os horrores do incêndio do Edifício Andraus

65 - Capítulo 9

Jornalista chora na delegacia e admite que ameaçou passar com o automóvel sobre o filho, que desrespeitava a mãe

71 - Capítulo 10

Delegado perde a paciência com jornalista e ameaça deixar acusado mofar na carceragem da delegacia fria e úmida

79 - Capítulo 11

Filho que acusava o pai retira a queixa e declara amor, respeito e admiração a ele e ao pivô da crise, a mãe

83 - Capítulo 12

Jornalista abandona tudo e diz à família e aos amigos que dali em diante é um andarilho sem rumo

93 - Capítulo 13

Mulher pede que a polícia não vá atrás de jornalista desaparecido, “porque ele está fazendo o que quer”

103 - Capítulo 14

Polícia busca jornalista que sumiu de casa, mas respeita os cuidados recomendados pela mulher

115 - Capítulo 15

Jornalista desaparecido não sabe, mas é avô de uma menina que tem nome de princesa

126 - Capítulo 16

Jornalista voltou de mansinho e enganou todos: a família, a polícia e a multidão

Prefácio

Gabriel Emidio Silva*

O primeiro livro impresso do jornalista Cláudio Amaral surpreende pela recriação do prosaico. Um lenço, um folheto e a roupa do corpo funde acontecimentos reais a procedimentos ficcionais. E deixa espaço para o leitor se posicionar como parceiro do autor. Ou do narrador. Orienta cada capítulo por meio de highlights que, de certo modo, suscitam ao leitor aquilo que ele vai ler. São teasers – e não sinopses.

São chamadas de jornalismo impresso, mas com cheiro de rádio. Os intertítulos funcionam como facilitadores de leitura, tornando-a mais rápida e prazerosa. Deixe-se levar pelo tom e sabor do enredo. Livro para degustar. Ler de um fôlego só e recomendar aos amigos.

Digressões perpassam tecido e trama narrativa. De forma envolvente, você será conduzido a percorrer ruas e esquinas da aprazível Aclimação. A entrar nas salas e refúgios excitantes da legendária Caetano de Campos. Ou a retroceder no tempo e revivenciar as tragédias dos edifícios paulistanos Joelma e Andraus.

Outra marca do romance é a interceptação dialógica. O autor-narrador não hesita em passar do discurso indireto para o direto, privilegiando o diálogo entre protagonistas e coadjuvantes como for-

ma de aproximar o leitor do clima e da dinâmica de cada cenário. O realismo se apresenta nu e cru nas descrições minudentes. E o caráter ideológico se expressa na religiosidade do personagem principal.

O jornalista Claude Amarante pode ser visto como o alter ego do autor, a começar pela correlação onomástica. Pode ser. Já o delegado Cristovan Buarque de Holanda é a encarnação do funcionário público exemplar, com retrospecto de Dom Juan e pai realizado. Claude tinha em Suzana a esposa querida e devotada. E Cristovan revelava o macho sexagenário na relação com a bem fornida Mariana.

Meta-jornalismo? Podemos encontrá-lo no eixo central da narrativa, em que o repórter Claude sai da condição natural de entrevistador para a de entrevistado. Ou inquirido pelo delegado Cristovan. Em vez de produzir notícia, vira notícia, quando decide fazer um retiro existencial de emblemáticos 40 dias e noites.

Misticismo? 40 dias e noites têm registro bíblico referente a três personagens, de tempos diversos: Moisés, Elias e Jesus Cristo. Claude, a seu modo, também jejuou. E alcançou aquilo que procurou, depois de denunciado pelo próprio filho que o pai o ameaçara de morte. O desfecho consagra o poder da fé e a força de valores essenciais na vida de um homem na relação com a família e com o mundo.

* Gabriel Emidio Silva é jornalista e ghost-writer

Capítulo 1

Jovem faz denúncia contra pai
no 406º DP, na Aclimação:
“ele disse que vai passar
com o carro por cima de mim”.

No plantão da delegacia

- *O senhor confirma o que está dizendo o seu filho, senhor Amarante? O senhor confirma ter dito ao seu filho que vai passar com o carro sobre ele? Ou tudo não passa de um mal entendido, senhor Amarante?*

A pergunta, seca e rude, partia do delegado titular do 406° distrito policial de São Paulo, Cristovan Buarque de Holanda.

Ele era um cidadão culto, vivido, viajado e, por conseguinte, educado. Mas estava indignado, incrédulo e estupefato.

Jamais havia enfrentado uma situação tão inusitada como aquela: um pai havia ameaçado passar com o automóvel sobre o filho.

- *Maldito Mr. Ford. Por que é que o senhor foi inventar uma arma tão poderosa?* – pensou o delegado.

O objetivo da ameaça ele desconhecia. A razão, também.

- *Quando, como e por que um pai é levado a tomar uma atitude desse tipo?* - pensou o policial civil.

De uma coisa, entretanto, ele tinha certeza: um jovem havia comparecido à delegacia para fazer uma grave denúncia contra o próprio pai.

Agora, pai e filho estavam ali, lado a lado, em frente ao delegado titular. E ele, antes das providências cabíveis, tentava acreditar na denúncia que acabara de receber.

Era sábado, início de noite. Um sábado normal. Tudo indicava que o plantão iria acabar bem, em paz, sob um clima leve, suave e tranquilo.

Tranquilo até que a rotina do 406° DP foi quebrada com a chegada de um rapaz nervoso e decididamente desejoso de fazer uma denúncia.

- *Uma denúncia, meu jovem?* – perguntou o atendente, o calejado Júlio Trivella, dono de longa experiência de vida. Aos 60 anos de idade e 32 de funcionalismo público, o homem já havia visto “*de tudo*”, como ele gostava de dizer.

- *Uma denúncia contra quem?* – emendou o barnabé, paciente como poucos, compreensivo como ninguém.

- *Contra meu próprio pai*, respondeu prontamente o denunciante, morador do bairro desde que nascera, há 25 anos.

Pronto. Estava quebrada a rotina da delegacia e a tranquilidade do plantão ficara seriamente comprometida.

A calma de Trivella também. Ela desaparecera como num passe de mágica. Tanto que ele ficou vermelho no ato. Os olhos arregalaram. De pronto, *Julinho*, como diziam os colegas de repartição, se colocou em pé e esticou a cabeça em direção ao visitante. Tirou os óculos que usava há mais de 30 anos. Desde que as letras do jornal O Dia começaram a embaralhar à sua frente.

Dez horas por dia

A rotina do chefe da Polícia Civil do bairro da Aclimação, zona central da capital do Estado de São Paulo, incluía no mínimo dez horas de trabalho por dia, de segunda a sexta-feira.

Veza por outra, ele ficava até 20 a 30 horas na ativa, sem interrupção, por conta de um caso especial.

Para o delegado era comum prender e interrogar ladrões, assaltantes, agressores, usuários e traficantes de drogas, sonegadores de impostos, maridos e mulheres em litígio por incompatibilidade de gênios, prostitutas, homossexuais, ambulantes em situação irregular, gente que atentara contra os pudores e os bons costumes.

Homem de boa saúde, alto e forte, Cris, como diziam os amigos, lutava judô desde os sete anos de idade, quando tinha pouco mais de um metro de altura.

Lutava judô e nadava no Tênis Clube Paulista, na Rua Gua-lachos, bem em frente à casa de 12 cômodos em que morou por 30 anos com os pais, Clóvis e Cleide, três irmãos, Paulo, Pedro e Plínio, e duas irmãs, Bruna e Paula.

Chegou a fazer tentativas de praticar tênis de campo nas qua-

dras de saibro de onde saíram profissionais como Cássio Motta, Dácio Campos e Andreia Vieira. Mas a raquete e a bolina amarela jamais foram suas amigas íntimas.

Como tinha tempo sobrando, chegou a pensar em jogar futebol de salão, também. Foi aos 12 anos de idade, quando leu no *Jornal do Bairro* que o diretor da área, Alberto Loieb, planejava a formação de uma escolinha de futsal no TCP. Cris foi à quadra de cimento, que um dia viria a ter cobertura e ser chamada de ginásio de esportes, mas ficou assustado com o peso da bola e desistiu.

No inverno e no verão

Às vésperas da aposentadoria, 1,75m de altura, Cristovan pesava algo em torno de 85 quilos. Ora mais, ora menos, a depender da estação do ano.

No inverno, ganhava peso, porque comia massa além do normal. Antepastos, também. Sempre acompanhado de um bom vinho tinto. Italiano, de preferência. Chileno, às vezes. Argentino, raramente. Francês, só quando estive no país de Charles De Gaulle, numa viagem inesquecível em companhia do amigo e profundo conhecedor de vinhos Pedro Tassinari Filho, em meados dos anos 1970.

Ele e o empresário rural de Orlandia, no interior paulista, ficaram dois meses por lá, tempo em que o ex-secretário da Agricultura no Governo Paulo Egydio Martins (1975 a 1978) mostrou ao ex-colega de Colégio Anglo Latino todas as vicissitudes da mais famosa área vinícola do mundo.

No verão, entretanto, as gordurinhas acumuladas por Cristovan costumavam ir embora, porque as massas eram substituídas pelas saladas e queijos brancos, sempre sem sal. Cerveja nem pensar. Água gelada – de três a cinco litros por dia – era a bebida preferida do delegado nos meses mais quentes do ano.

Como o plantão estava calmo até a chegada do jovem que que-

ria fazer uma denúncia contra o pai, o delegado tomara água além do normal. A média do dia, até o final da tarde, início da noite, tinha sido um litro por hora ou seis litros após o meio-dia.

Capítulo 2

Delegado titular está curioso
em relação ao livro de De Luca:
“o que virá a público em
Vingança no Jardim da Aclimação?”

Vingança

O caso mais famoso do qual Cristovan participara chegou a virar livro: *Vingança no Jardim da Aclimação*, escrito por um ex-morador do bairro, Fernando De Luca, dentista residente em Botucatu, na região centro sul do Estado de São Paulo.

A obra foi lançada com relativo sucesso no Parque da Aclimação, no dia 06/07/2003, com direito a manhã de autógrafos.

Cristovan foi ao lançamento, mesmo sem conhecer o autor. Estava curioso porque ouvira o Jornalista Geraldo Nunes falar a respeito no programa *De Olho na Cidade*, às 5h30 do dia anterior, sexta-feira, nos 700 kHz da Rádio Eldorado AM.

O radialista mais famoso da emissora da família Mesquita, dona também do *Estadão*, falara da obra de Fernando De Luca, convidara todos os ouvintes para a manhã de autógrafo e disse mais:

- Vá, caro amigo ouvinte, porque essa é uma boa oportunidade para nos vermos.

Ou seja: com essas palavras, Geraldo Nunes garantia presença no evento dos amigos que faziam o AclimaçãoSP, “o site do bairro mais agradável de São Paulo”.

Logo ele, que tanto prestígio tinha junto aos ouvintes da Rádio Eldorado. Sim, porque, além de estar lá há mais de dez anos seguidos, ele falava diariamente das 5h00 às 11h. Primeiro, no *De Olho na Cidade*, das 5h00 às 6h00. Depois, no helicóptero, dentro do *Jornal da Eldorado*, orientando e informando a respeito do trânsito. Do caótico trânsito de São Paulo.

Como se isto fosse pouco, Geraldo Nunes voltava a falar ao longo da programação vespertina e noturna da emissora. E aos sábados e domingos apresentava o famoso *São Paulo de Todos os Tempos*, o programa de rádio que mais contribuiu para o resgate e a preservação da memória da maior cidade do País e do continente.

Sete dólares

Pois bem: Cristovan foi ao lançamento do livro *Vingança no Jardim da Aclimação* e comprou um exemplar das mãos de Vando, responsável pela Banca Aclimação, na Praça Belmiro Nascimento Martins, junto ao portão 3 do Parque. Pagou R\$ 20,00 – algo como sete dólares – e foi em busca de um autógrafo de Fernando De Luca.

Saiu de lá em pouco tempo, porque já era quase meio-dia e a sessão de autógrafos estava no fim. Foi direto para o Recanto Doce, na esquina das ruas Topázio e Brás Cubas, onde a mulher, Nair, os filhos e os netos o esperavam para o tradicional almoço de domingo com a família.

Foi um almoço alegre, como sempre, embora ocorresse num local público. Nem por isso, entretanto, o vovô-delegado se sentia desconfortável. Ele jamais fizera inimigos.

Mas a cabeça de Cristovan estava longe dali. Estava, exatamente, no livro que ele queria ler. Desejava, ansiosamente, conferir a veracidade dos fatos que ele havia vivido de perto. De perto e com muito sofrimento, angústia, emoção. Revolta, até, porque nele morrera uma inocente, jovem, bonita e cheia de vida.

A ansiedade o levou a comer pouco. Quase nada. Cristovan dispensou o antepasto e passou ligeiro pela alface, pela rúcula e pelo tomate. Tudo absolutamente sem tempero, pois ele preferia o gosto natural da comida. Mastigou uma fatia pequena de salmão, o peixe predileto desde criança, e logo pediu o café.

A conta, por favor

A conta era do filho mais velho, Antonioni, pois a regra, na família do delegado, indicava que cada um pagava uma vez. Pagava e por isso escolhia o local.

An, como dizia a mãe, ou Anzinho, como preferia a mulher, Silvanete, era engenheiro metalúrgico especializado em cobre. Ligas de cobre, especificamente. Formara-se na Poli, para orgulho do pai.

A Escola Politécnica era uma das mais conceituadas do Brasil.

Imediatamente após o recebimento do diploma, o jovem fora trabalhar na Cosipa, localizada numa das regiões mais poluídas do mundo, Cubatão, no litoral paulista. Por sorte e competência, logo recebeu um chamado da Alsan, multinacional inglesa, trocando Cubatão por Sorocaba, região das mais ricas e agradáveis do interior do Estado.

Sério, dedicado e competente, chegou a gerente da fábrica e permaneceu no posto por mais alguns anos depois que a Alsan a vendeu para a concorrente Alsoa.

No início dos anos 2000, Antonioni amargou uma demissão sem motivo aparente. Recebeu todo apoio da mulher, dos filhos Saulo, o primogênito, futuro especialista em Tecnologia da Informação, e Sara, uma garota linda desde que nascera, futura pediatra.

Os pais, os irmãos, os tios e os primos, assim como os amigos, também ofereceram apoio. E, fortalecido emocionalmente, Antonioni optou por trabalhar por conta própria. A experiência durou poucos meses e naquele almoço de domingo ele comemorava alegremente a conquista de um novo posto importante e destacado. Desta vez iria trabalhar numa organização japonesa, igualmente grande e forte, o Grupo Satocotim.

O filho do delegado estava tão animado que nem percebera a introspecção do pai. Nem se dera conta de que Cristovan tinha alguma preocupação e que, se pudesse, estaria longe daquele restaurante, amigável, mas agitado demais para o momento.

Coisa do passado

Cristovan até podia palpitar a respeito do local do almoço dominical com a família. Tinha o direito de sugerir um restaurante ou a casa de um dos filhos. Mas pagar a conta era coisa do passado. Ou pelo menos desde que fizera 60 anos.

60 anos a gente faz uma vez só, disse Eugênio, o irmão mais novo.